

# O ACADÊMICO

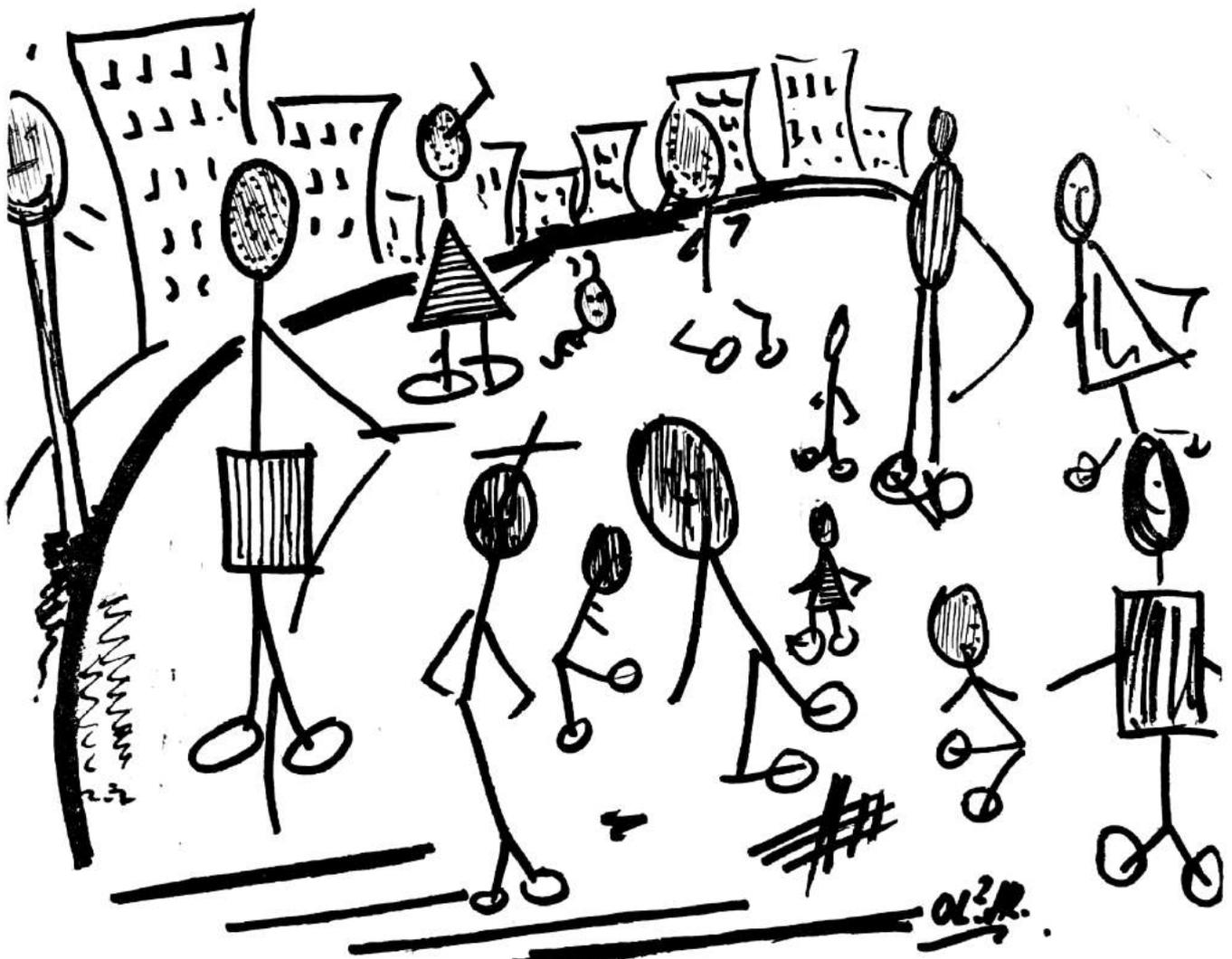
ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DO DIRETÓRIO CENTRAL DOS ESTUDANTES

ANO III • Nº 28

NOVEMBRO DE 1977 BLUMENAU — SC

Cr\$ 3,00

## IRREVERÊNCIA



**MADE IN  
STA. CATARINA**

Mas onde está o entendimento mútuo?... Quando houver uma resposta inteligente para uma pergunta cretina, então sim, alguma coisa estará acontecendo com a nossa maneira de pensar. De reagir diante das coisas que estão acontecendo.

# CARTAS

**URUSSANGA SC — Meu caro Oldemar,**

Ontem estive em Porto Alegre entregando três originais para ocorrer ao "Prêmio Augusto Meyer — 1977", (veja que nenhum gaúcho se classificou no do Rio...) e vi lá o NOSSO "O ACADEMICO", que desde JULHO, inclusive, não mais recebo. Que houve? Também não sei se estou atrasado com a anuidade. Me noticie, tá. Agora, me mande essa alegria mensal... Um abraço e estamos aí, aqui, alhures ARTEMIO ZANON

**JARAGUÁ DO SUL SC —** Meu jovem e valente companheiro de jornada, acadêmico OOJ

...O que preciso, o que não posso omitir, é pedir a Você, jovem amigo, me seja portador de "um baita abraço" a esse outro moço que ainda não tive o prazer de conhecer pessoalmente, o Roberto Diniz Saut, Mama mia! Diga a ele que seus "sacudidos" comentários em torno dos nossos avacalhados "meios-de-comunicação", Tv, Rádio, Cinema, são lidos e comentados em minhas aulas agora também no Supletivo. Um chuí! Sinceramente: minhas esperanças num Brasil de verdade, num povo de verdade, numa geração de verdade que não a desfibrada, a acovardada, a acomodada, minhas esperanças sempre se renovam diante de um moço como ele, de um novo e brasílico tipo de nova geração que vocês todos representam.

E imaginar que esse gérmen de brasilidade, de "fome de cultura" de ética e moral (que não é moralina tipo naltalina dos guarda-roupas a burguesados!), imaginar que esta geração se faz ouvir em Sta. Catarina, em Blumenau! Salve Doktor Blumenau! Com estima e muito afeto, o AUGUSTO SYLVIO PROEDHOL

**DOIS CÓRREGOS SP —**

Jornal O ACADEMICO

Venho por meio desta pedir informações sobre como assinar o referido jornal. Aguardo informações, da quantia referida e como efetuar o pagamento, atenciosamente JOSÉ LUIZ PENHA CARBALLEDA, rua XV de novembro, 569 — Dois Córregos, SP ... 17.300

**CRUZÍLIA MG — Caro amigo**

Realizamos nos dias 16, 17 e 18 de dezembro de 1977 o VI Festival Cruziliense de Música Popular, promoção que tem superado nossas dificuldades na pequena participação que temos empreendido

em favor da música popular brasileira.

Para tal, contamos com a sua costumeira colaboração como divulgador do nosso modesto trabalho que a partir deste ano passa a ser promovido pela FAG (Fundação de Artes de Cruzília), entidade em Constituição.

Em anexo segue pequeno resumo como dados de programação e inscrições que esperamos, dentro de suas possibilidades seja publicado em sua coluna ou em seu jornal. Contando com o seu apoio, somos gratos ADOLFO MAURÍCIO PEREIRA, Diretor-geral Obs.: a matéria está contida nessa edição.

**NITERÓI RJ —**

Recebi prazerosamente os números 24 e 25 de O Acadêmico, por cuja atenciosa remessa agradeço.

O Acadêmico está cada vez melhor. Cada número é uma inequívoca demonstração de vitalidade e de incorformismo. Queiram seu diretor, redatores e colaboradores aceitar as mais sinceras homenagens.

O estado de Sta. Catarina que, no passado, teve tantas pujantes realizações no plano literário e cultural, acha-se hoje condignamente representada no campo das letras e das artes — por esse vibrantíssimo ACADEMICO, reabraça-os MÁRIO NEWTON FILHO

**FRANCISCO BELTRÃO PR**

— Caríssimo amigo OOJ

Pensei em fazer uma cartinha para o amigo de palavras difíceis para impressionar, falando das grandes angústias e problemas que nos rodeiam, mas, depois pensei uma carta para um irmão deve ser revestida de toda a autenticidade possível, e embuido dessa concepção preguei-lhe fogo...

Espero que você continua mandando sempre o seu jornal na qual aproveito para mandar-te um cheque para o pgto. desse ano, e pode ter certeza que mais assinaturas ainda lhe vou conseguir.

... Coloco-me ao inteiro dispor LEOPOLDO BRITZ MARTINS

**LONDRINA PR — Prezados confrades**

Muito grato pela remessa de exemplares de O Acadêmico de julho e agosto, que acabo de receber. Agradeço muito pela publicação de meu segundo artigo sobre "Ensino e Aprendizagem de Química" e faço votos para que tenha alcançado bom número de leitores... Cordialmente PROFESSOR J. J. PULS

**RECIFE PE — Prezados colegas e amigos**

Foi com forte alegria que recebi hoje os números 24 e 25 de "O ACADEMICO". Este jornal é um projeto que não pode deixar de ser levado em conta na história do jornalismo estudantil, pelo nível de suas propostas culturais, informativas e pelo equilíbrio editorial que tem apresentado. De fato, este DCE ao editar um periódico como "O ACADEMICO" dá uma demonstração de respeito e confiança na capacidade de assimilação cultural da juventude universitária brasileira. Há momento, lugar e diria mesmo, há necessidade de que se faça tudo: "Pastiche", cartoonismo, panfleto, ensaísmo, etc. Do mesmo modo no entanto, há momento, lugar e necessidade de um jornalismo universitário de informação, formação, participação e intercâmbio cultural onde a seriedade e o espírito democrático ficam de mãos dadas sem constrangimento de qualquer das partes.

Mudando de assunto, tenho algumas informações para dar: a) Revista GARUJA. Trata-se de um periódico literário onde o conto e a poesia se expressam com grande descontração, despojamento e até brilhantismo. GARATUJA é editada por um grupo de Campina Grande e o endereço é: Rua Estilac Leal, 766 — Alto Branco

58.000 - Campina Grande - PB  
b) QUILCOMBO — Livraria e Editora. A "Quilombo" gostaria de receber "O ACADEMICO". Trata-se de uma livraria que é ponto de estudantes e intelectuais e afins de que habitualmente já divulga publicações congêneres. O endereço é: Rua do Hospício, 284 — Edif. Capitólio — Loja nº. 4 — Boa Vista — ... 50.000 Recife — PE

Gostaria ainda que me enviassem dois exemplares dos números 24 e 25 de "O Acadêmico" para divulgação junto a pessoas interessadas nos mesmos. Sem mais, saudações Universitárias MARCELO CAVALCANTI

## EXPEDIENTE



Caixa Postal 1124  
89.100 - Blumenau - SC

\*  
Diretor e Redator  
Responsável  
**OLDEMAR OLSEN Jr.**

\*  
REDATORES  
Maria O. Onório Olsen,  
Fred Richter, Domingos S. Nunes, Carlos A. Ramos Schmidt, Roberto B. Saut, Sílvio B. de Jesus, Artêmio Zanon, Carlos E. O. Bastos.

\*  
Divulgação e Relações  
Públicas  
**EMILIO SCHRAMM**

## COLABORADORES

Theobaldo Costa Jamundá, Norton Azambuja; Maurina de Senna Pereira; Teresinha Pereira; Marcos Ercin; Pinheiro Neto; Pedro Bertolino; Marcos Konder Reis; Arnaldo S. Thiago; Pedro A. Grisa; Aldo Schmitz; Carlos Adauto Vieira; Augusto Sylvio Prodhoeil; Hans Bach; Jurgen Jacob Puls; Holdemar de Menezes; Bráulio M. Schloegel; Cirineu M. Cardoso; Raimundo Caruso; Alcides Buss; Juraci Carlini; Gervásio Luz; Onéas Athanázio; Celestino Satchet; Edith Kormann; Laurio Junkes; Geraldo Luz; Otávio J. Ferreira; Marcelo Cavalcanti; Marcos Mendra; Ivar Maurício; Iran Gama; José Roberto Rodrigues; Ana Maria Bacca; Luís; José Endoença Martins; Glaucio Rodrigues Correa; Rosa S. Pasqual; Mário Newton Filho; Abel B. Pereira; Veneslau Muniz; Carlos D. W. Martins; Eulália Radke; Nilto Maciel; Armin.

ASSINATURAS . . . . . Cr\$ 50,00 . . . . . anuais  
JORNAL "O ACADEMICO"

C.P. 1124 — 89-100 — Blumenau — Santa Catarina

Nome . . . . .

Rua . . . . . Nº . . . . .

CEP . . . . .

Cidade . . . . . Estado . . . . .

# EDITORIAL

## Uma participação crítica na cultura catarinense

Perguntaram, certa vez, a um jovem o que ele pensava...  
E ele disse: "

— Dêem-me uma oportunidade de mostrar o que penso e vocês terão o meu pensamento; dêem-me condições de manifestar-me e eu pensarei mais; mas, indiquem-me o que eu deva fazer e nada farei..."

Qualquer imposição a uma atividade natural implica em uma perda de liberdade. Pode ser física ou mental, mas ninguém pode falar dela sem tê-la perdido. Quando somos livres necessitamos de uma angústia para atormentar nosso íntimo e, quando nossa inquietação se manifesta, haverá necessidade de um veículo para revelar esse íntimo e, quando o veículo estiver desempenhando suas funções, precisaremos de condições para termos condições, e quando, finalmente, tivermos condições, então sim, a liberdade se fará presente... E a liberdade nós desejamos, e a angústia nós sentimos, e o veículo nós organizamos e as condições nós temos... Basta então, para desenvolvermos uma cultura nossa, o discernimento entre nossa realidade e o que pretendemos que ela seja; a valorização das pequenas coisas porque são elas que nos trazem as maiores alegrias; a vigência com os grandes problemas, porque mostram a nossa pequenez; os dramas cotidianos porque põem a mostra nossas fragilidades; os acontecimentos espontâneos porque evidenciam nossas limitações; a ingenuidade infantil que expõe nossos sentimentos; o culto a personalidade porque mostra nossos objetivos; os ídolos porque são valores nossos; a técnica porque é um produto do nosso aperfeiçoamento; a cultura porque é uma consequência da técnica e, finalmente o entendimento mútuo, polimorfismo da cultura que é universal.

Mas onde está o entendimento mútuo?... Quando houver uma resposta inteligente para uma pergunta cretina, então sim, alguma coisa estará acontecendo com a nossa maneira de pensar. De reagir diante das coisas que estão acontecendo.

Nossa elucubração agora, volta-se para aqueles cujos pensamentos e trabalhos não servem a grupos e nem a ideolo-

logias... Para aqueles que dedicam o seu tempo produzindo literatura, uma literatura catarinense que a cada dia destaca-se mais no Brasil. Um Brasil que foi tomado de surpresa e que vai, gradativamente, tendo seus lugares vazios preenchidos pelo elemento humano carente de conhecimentos, cansado dos velhos valores que já não mostram sua eficiência, cansados das promessas que iludem e aumentam sua angústia, cansados dos objetivos que evidenciam suas necessidades, cansados do ópio que o torna um eterno criador de ilusões e, até cansado de estar cansado.

Não acho que seja necessário maldizer o sistema por essas circunstâncias, mas é imprescindível tomarmos conhecimento de todas elas.

Não acho que haja uma necessidade de sermos coerentes apenas para sermos agradáveis, mas tenho certeza de que poderemos ser oposicionistas para sermos úteis.

Não acredito nos problemas insolúveis, mas creio nas soluções desprezíveis, não acredito na imagem das palavras, mas creio nas transformações pela palavra; não acredito nas revoluções humanas, mas creio em humanas revoluções...

Não queremos ser o alvo da discórdia, mas é nosso dever tomar parte da luta; nossa luta não desenrola-se com cartazes mal escritos levantados ostensivamente contra instituições que ainda estão funcionando; não pretendemos quebrar a ordem estabelecida com passeatas malucas para dizer que estamos vivos; não atiramos pedras e nem quebramos vidraças somente para ver como vivem aqueles que nos dão empregos; não "puxamos" fumo para mostrar que já tivemos uma nova experiência da vida; não pedimos esmolas para não afirmarmos que pertencemos a uma geração acomodada que vive de favores; não acho necessário piedade para que apla-

quemos nossa, vezes por outra, irreverência com o maniqueísmo já constitucional...

Confesso que sempre lutei, não pelas causas favoráveis, mas pelo lado mais iraco. Não tenho complexo de herói e nem tão pouco acredito que o idealismo seja uma solução, é mais um pretexto para desculpar alguma deficiência nossa; mas convenhamos, ter um objetivo é necessário. Estabelecer metas é um constante desafio e mostra a vontade que temos de chegar lá... Eles preocupam-se com você quando você está crescendo... Quando alguém cresce, provavelmente incomoda os que se dizem crescidos e isso não é bom. Não é bom para aqueles que se não preocupam com os valores paralelos... Não sou o dono da verdade e não acredito que um conceito abstrato mereça ter um dono embora existam muitas teorias vociferadas por esse interior afora...

Se o meu escrito estiver mal escrito, critiquem-me porque eu terei prazer em mandar a crítica para o diabo; acho a irreverência consciente importante porque questiona valores pressupostamente corretos e estamos aqui para contestar, não a ordem constituída (se a coisa funciona para que consertar), mas sim a ordem instituída...

Não acho que valha a pena discordar dos meus irmãos de província, somos tão cinicamente aculturados que qualquer alternativa deixa de ser apenas um processo quando desperta interesse para ser uma solução... Pode ser errada, embora não seja uma válvula de escape (claro, com o advento do transistor) qualquer válvula é obsoleta... E se é bom para os americanos é bom para nós... É, parece ser esse o pensamento, mas nosso maior problema é desenvolver uma cultura nossa, compatível com o nosso "modus operandi", "modus vivendi", "status quo" ou qualquer expressão charmosa que impressione.

Precisamos de aliados, não na maneira de pensar, mas na construção da obra; trabalhem juntos mantendo cada qual sua forma solitária de criação, cada um com suas experiências para acrescentar nesse conjunto que estamos formando, às expensas de duras lides, algo de nosso digno de ser lembrado amanhã como: **UMA PARTICIPAÇÃO CRÍTICA NA CULTURA CATARINENSE**

# SINFONIA CABOCLA

(A HISTÓRIA QUE PRETENDIA SER)

\*Maria Odete Onório Olsen\*

## O Narrador

Eu acredito que existam pessoas com um profundo conhecimento de si mesmas. São pessoas com capacidade de desnudar a própria alma, com a coragem de um mergulho profundo, mesmo significando o caos. E eu sou uma delas. Mas sou insignificante, desde que descobri que agir não edifica, no sentido de influenciar essas coisas do sistema do jeito que estão. E é essa possibilidade de existência que mais me distancia dos outros, que mais repugnante torna o meu alienamento em relação a eles. Porque sou covarde e afinal, é essa a realização do que me resta.

## O Cenário

Miseráveis indagações existenciais no conformismo cotidiano. A realidade tenebrosa que construímos omitindo a nossa tragédia de povo — aquela, verdadeira e recalçada, envelhecida e desfibrada que remonta aos tempos do império. A do nosso povo. Iguamente verdadeiro, recalçado, envelhecido, desfibrado? Não tudo. Então, continuando por esse abismo soturno de teias infundáveis, o que é o nosso povo; aquele um por cento que forma a camada intelectual? Ou a minoria do poder que se distrae no faz de conta da politicagem nutrindo-se a "made importation"? Ou ainda, a película empapada da coluna do Ibrahim?

Se foi e não mais é, ninguém provou porque não viu. Mas que existe um povo nosso que discute entre si se o presidente atual é Getúlio Vargas ou Jucelino Kubitschek, isso existe. Também tem um outro que está se criando nas penitenciárias e nos abrigos de menores, isso também tem. E mais um outro que se junta nas lixeiras para disputar restos ou sobras aos porcos e cães, tem.

É claro que existimos nós, os abnegados trabalhadores, ao menos conscientes dos seus atos. Mas ainda existe aquele outro que depreda nossas matas, desentope nossos dejectos, lavra nossas terras, edifi-

ca o nosso concreto e depois se empilha nos cortiços.

Seja qual deles ou nenhum for, é certo que estamos subbordados aos seus mecanismos e teorizações (dos que chegam a ser superiores). E a hierarquia cultural oriunda dos sítios, colônias, pequenas cidades, despejados nos grandes centros, é um mal superável somente nas teses dos juristas, ecônomos, administradores e todos curandeiros associados aos psis. E como o desnível sócio-cultural sempre foi a marca desse nosso universo, o problema aqui, só nos torna mais iguais e universais.

A favela, o morro, o cortiço — esgotos da nossa multi sociedade é o retiro forçado que os pau-de-arara, os bóia fria, encontraram prá despejar a carcaça. Simples e descoloridas como eles, nelas, fíncam as estacas juntas as tábuas, estendem o jornal e amontoam as tralhas. A mulher, os filhos, a desgraça, o desgosto, o silêncio, a euforia

O que é razão para esse povo?

## Introdução ao Homem

Ele era um miserável na realidade, só trazia despesas para o governo. Nós da repartição o detestávamos. Eu tinha verdadeira gana do cabra. Se o peste me barrasse as fronteiras, eu juro que acabava com esse peso para o estado. Um coitado. O seu nome Ezequiel das Neves. De bens, possuía registrado a mulher, o filho e uma bicicleta no osso

## Da Natureza Humana

Todo gênero de pobreza é deprimente. Ela traz no seu primitivismo algo de pesado e inseguro que estranha a expressão fisionômica. É a desconfiança, a fome, a solidão talvez. Porque ninguém é mais só do que uma pessoa miserável. A dor de estômago provinda da fome, avilta o homem ante seus próprios instintos. Talvez pela passividade que traduz seu desespero calado até certo ponto irremediável e definitivo, por uma máscara sem espectativas ou disposições que se

transforma em rotina e ameniza em algum silêncio.

Se acontece o reverso, por mais subterfúgios que a miserabilidade imponha, existe sempre aquele momento supremo em que os vínculos se soltam mesmo e sempre ilusoriamente, e o sonho acontece. E nesse momento porque nunca passa de um momento, a docilidade do miserável se rompe e da impotência sobrevem a liberdade fugida da fraqueza, da depravação, da nulidade e da revolta.

## Introdução à mulher

Dentro da rotina fria e metódica do INPS. E precisar ser mulher, desempenhando seu papel de fêmea. Eles são menos que humanos. São ridiculamente frios, impessoais. E ela queria somente ao seu lado o afago e a força de alguém que a amasse. Ela estava com um medo visceral de sofrer. Somente sabia que teria um filho. E isso era maravilhoso, era a dádiva divina que a purificaria de todos os seus pecados. Ele viria inocente, puro, limpo, tudo lhe bastando para se levar. E renascer.

E não conseguia entender como nenhuma delas nunca se revolta. E Deus, a sua bariga enorme e pesada lhe era sagrada. E a segurava e sorria. E quando a colocaram naquela mesa fria na mesma maneira que se leva uma porca ao matadouro, e a desnudaram e a raparam metódicamente sem palavras e lhe introduziram água quente e sabão...

Sentiu vergonha da dor nojenta do nervosismo que principiava a ter. Sentiu vergonha diante do filho que ia nascer. Manipulada e vergada, sem saber noção de dignidade, sem alguma explicação, como assimilar humanidade, nessa teoricidade de sublimes, com aquele plástico a penetrando no compasso dos movimentos do seu filho sob a irônica indiferença da iluminação da sala?

## Da Natureza do Homem

Ezequiel das Neves olhava o corpo grávido da mulher,

olhava a bicicleta enferrujada, olhava as mãos de calos, olhava as moscas no chão, olhava a vida que passava nas rugas precoces que o invadiam, olhava desanimado para a vida que não vivia.

Via o rosto da mulher, os olhos parados fixando de interrogação um vazio que ele não compartilhava. Desviou-se temeroso e procurou outro horizonte.

## Da Natureza da Mulher

Era antes de tudo mulher. Consentia na mudeza do seu homem. E esperava. Esperava o filho e o seu marido. O seu homem. Não tinha nada que falar nem o que pensar. Deixava-se simplesmente levar pelo balanço leve da cadeira. Em breve ele daria uma exclamação, dependendo o que fosse ela em seguida diria uma palavra. Ela esperava mais ao marido do que ao filho.

## O Happy End dos proletários

O sol espregueava sádico. Seus raios lentamente se estiravam e impiedosos esquentavam as calçadas para a multidão não se habituar àquele costume do pé no chão.

Era verão.

O homem emaranhado aos alicerces da construção vergava ante os raios quentes, até que alguém lhe gritou — Ezequiel, ei cara, já deu, é homem. E o homem do emaranhado, atira o boné no ar...

Bem, isso não é propriamente um final, pois nem chegou a ser história.

É um momento da vida de muita gente que só é comum. A ficção geralmente se encarrega de lhes fazer o funeral, da realidade que os trucidou.

Não estou a fim de fazer o Ezequiel assaltar uma mercearia para matar a fome. Talvez ele venha a fazer e ainda acabe matando o guarda no susto. Mas por enquanto, ele somente é um trabalhador que talvez tenha gritado lá de cima da construção — é mais um brasileiro!

Encaminhe um analfabeto a um posto do MOBREAL

# INFORMAÇÕES

## Editor espanhol critica encontro brasileiro de literatura

MADRID — Em seu regresso a Madrid, do I Encontro Internacional da Literatura Brasileira, organizado pela Câmara Brasileira do Livro, em colaboração com a Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, Jaime Salinas, diretor da editora ALFAGUARA, fez declarações extremamente críticas sobre o evento e sobre a edição brasileira em geral. O editor espanhol, que esteve em São Paulo acompanhado de outros editores estrangeiros, como Feltrinelli e Einaudi, falou ao prestigioso jornal EL PAÍS.

"A produção editorial brasileira — disse o filho do grande poeta Pedro Salinas — é um mundo diferente do nosso e, em geral, dos países ocidentais cultos. E não pode ser de outra maneira, considerando-se que nesse imenso país, de 110 milhões de habitantes, existem apenas 600 livrarias. O sistema de edição, naturalmente, é muito curioso. Não é convencional".

Depois de criticar vivamente a organização do Encontro ("Fomos quase às cegas, os programas nos chegaram apenas poucas horas antes, o programa era muito rígido, os temas se pareciam muito com listas telefônicas de nomes e autores etc"), e de mostrar seu desagrado pela cidade de São Paulo ("Uma cidade de autopistas, na qual não se pode caminhar, a que falta uma rede de transportes públicos, na qual os trabalhadores levam de três a quatro horas para ir de casa à fábrica"), Salinas fórmula em juízo de valor sobre sistema socio-político brasileiro: "Dá a sensação de que nem o sistema capitalista e muito menos o marxista podem resolver isso". E acrescenta: "Nesse contexto tenho a impressão que os escritores formam grupos muito isolados uns dos outros. O interessante do Encontro é que, pela primeira vez, os escritores puderam encontrar-se uma vez que estão isolados nessa sociedade com 70 por cento de analfabetos". Curiosamente, disse Salinas, "num país em que os negros são maioria não havia um só escritor negro".

Salinas disse na entrevista que "tudo isto se reflete na literatura, senão de uma maneira política, nem mesmo sociológica, mas em diversos aspectos humanos. Há mais de 300 escritores trabalhando lá, movendo-se num caos editorial". Salinas faz, por fim, um elogio à literatura brasileira: "Atravessa um momento de grande atividade. Creio que o desconhecimento dessa literatura, quase total, salvo algumas exceções, é objetivamente injusto. A literatura brasileira é não apenas importante, mas diferente dentro do panorama do continente latino-americano. Em princípio é basicamente urbana, e logo se percebe nela essa sensualidade especialíssima do seu mundo, que a distingue das outras literaturas. A sensualidade no Brasil é algo palpável. A literatura, nesse caso, é uma liberação dessa sensualidade especial".

Salinas estende-se sobre o problema da censura. "Os escritores têm problemas gravíssimos. O governo brasileiro utiliza, para reprimir a literatura, uma censura que é política e se mascara numa moralidade nacional. Soubemos que há, pelo menos, 160 peças teatrais proibidas. "Feliz ano novo", de Ruben Fonseca, está sequestrada".

Salinas se surpreende com fato de que o grupo da Poesia Concreta — Haroldo de Campos, Décio Pignatari e outros — não tivesse participado do Encontro. "Claro que esses já estão incorporados a uma vanguarda mundial", e conclui: "Os escritores brasileiros estão complexados".

É raro a imprensa espanhola publicar um artigo sobre cultura brasileira mesmo negativo como o de Salinas. É raro, inclusive, ver-se um artigo um pouco sério e, a fundo, sobre a realidade brasileira. Na Espanha, salvo o carnaval do Rio, desconhece-se o Brasil. Seria conveniente que os brasileiros se esforçassem em ensinar aos espanhóis essa maneira tão peculiar, tão brasileira, tão rica, de ver a vida e de senti-la, tão diferente da dos outros países da América Latina. Pois, nem o Brasil é apenas samba, nem a Espanha é apenas "olé".

## Curso de Educação Artística

"O Presidente do Conselho Federal de Educação, na forma do que dispõe o artigo 26 da Lei nº. 5.540, de 28 de novembro de 1968, combinado com os artigos 29 e 30 da Lei nº. 5.692, de 11 de agosto de 1971, tendo em vista as indicações números 22,23 e 36. CFE e o Parecer nº. 1.284/73, homologado pelo Exm. Sr. Ministro da Educação e Cultura, os quais a esta se incorporam, resolve:

Art. 1º. — O curso de licenciatura em Educação Artística, a que se refere a conclusão 1.4 da Indicação nº. 23/73, terá por objetivo formar professores para as atividades, áreas de estudo e disciplinas do ensino de 1º. e 2º. graus relacionadas com o setor da Arte."

Logo, os Cursos de Educação Artística funcionam em diversas Universidades Brasileiras para formar professores, para nossas Escolas, e não em decorrência de outros movimentos artísticos. Estes esclarecimentos são necessários para coibir informações errôneas sobre a implantação dos cursos de Educação Artística. Não formamos artistas, proporcionamos técnicas, conhecimentos, etc., para que os futuros professores de Educação Artística (polivalentes) estimulem a criatividade entre a população escolar (1º. grau) de nossa comunidade.

### TEATRO

O TEFURB ou seja o Teatro (do Estudante) Universitário da FURB é uma realidade comprovada pelos 8 (oitos)

espetáculos montados desde maio de 1974. Apresentamos: "Quem casa quer casa", "Comuna de Bravos", "O homem do Princípio ao Fim", "Viúva, porém honesta", "Os Loucos" e as peças infantis: "Josefina e o Ladrão", "Casaco Encantado" e "Putz, a menina que buscava o sol". Estes espetáculos foram apresentados em Blumenau no Teatro "Carlos Gomes" e nas cidades vizinhas. Todos os espetáculos foram montados dentro das técnicas modernas inclusive o "teatro do absurdo", gênero muito pouco apreciado pelos nossos espectadores. Creio, que produzimos bastante, considerando, as dificuldades encontradas, principalmente quando a gente se propõe a "criar" algo diferente ou seja,

dentro da linha dos espetáculos de "vanguarda".

Quanto à presença ou não de público, há uma afluência muito grande aos espetáculos da "pesada", "shows", "espetáculos beneficentes" e quando aparecem nomes conhecidos da TV e o público se propõe a conhecê-los pessoalmente. No caso do teatro infantil, apesar do lado negativo e anti-pedagógico de premiar, a platéia infantil aflui, motivada mais pelas balas, brinquedos, etc., do que pelos espetáculos apresentados. Esta é a realidade. O nosso teatro universitário existe, apesar dos embustes de pessoas mal informadas. Participem, colaborem com o nosso teatro. Nós agradecemos!

Edith Kormann



AS CÓPIAS SÓ SUPERADAS PELOS ORIGINAIS.

## Centro Cópias Ltda.

Cópias Heliográficas — Xerox — Plastificações de documentos em geral

Rua Floriano Peixoto, 89  
LOJA 3 — Fone: 22-3215

BLUMENAU

SANTA CATARINA

**CURSOS****CURSO DE MARKETING,  
TÉCNICAS DE VENDAS,  
MOTIVAÇÃO E RELAÇÕES  
HUMANAS NO TRABALHO**

**OBJETIVO:** A finalidade é de aprimorar o homem de vendas e seus dirigentes, dando técnicas do moderno marketing e maximizar motivação para um melhor relacionamento com a empresa e sua clientela.

**MATERIAL DIDÁTICO**

Você ganhará para fazer este curso todo material didático como:

- \* Fitas K-7 gravadas com "as dicas" das sessões
- \* Textos — Resumo do curso
- \* Material para anotações
- \* Certificado de conclusão do curso
- \* Organização para encerramento festivo

**PROGRAMA**

- \* Abordagem inicial do moderno conceito de Marketing com seus fundamentos econômicos
- \* Abordagem dos princípios do sucesso, material Audio-visual com slides
- \* Estudo do Marketing
- \* Funções do Marketing
- \* Técnicas de Vendas
- \* Relações Humanas no Trabalho — Material Audio-Visual com slides
- \* Tipos de liderança e a função do Líder
- \* Abordagem profunda do Relacionamento do Homem ao Trabalho
- \* Treinamento Audio-Visual na área de liderança, organização e direcionamento de Vendas

**BENEFÍCIOS DO CURSO — MORH — VENDAS**

Neste curso você aprenderá:

- \* Técnicas de vendas
- \* Segmentação de mercado
- \* Segmentação psicológica
- \* Conceito e evolução histórica do marketing
- \* Estudo do produto, lugar, promoção e preço
- \* Lei psicológica da reciprocidade
- \* Fundamentos econômicos do marketing
- \* Funções do marketing
- \* Relações humanas no trabalho
- \* Adaptação do homem ao trabalho
- \* Adaptação do trabalho ao homem
- \* Adaptação do homem ao homem
- \* A função do líder e do liderado
- \* Formas de falar, de ouvir, sentar, discutir, perguntar e concordar
- \* Tipos de liderança
- \* Como dirigir um grupo
- \* Princípios do sucesso
- \* A importância da autorização
- \* Atitude mental progressiva
- \* Psico — Cibernética
- \* Empatia e criatividade
- \* Brainstorming individual e grupal
- \* Outras técnicas que o KI — Centro de Aprimoramento dar-lhe-á para você ter sucesso e alto preço.

**K Centro de  
Aprimoramento**

Rua São Paulo, 732  
Fone: 22-06-31

BLUMENAU  
SANTA CATARINA

**ESTÓRIAS CURTAS****INTERESSE**

\*Carlos Adauto Vieira\*

O candidato a prefeito vinha de carro, voltando de uma reunião em casa de família, quando viu, perto da churrascaria, em cujo frente havia pequeno largo, cerca de vinte pessoas.

— Não se pode perder uma multidão desta prá dar o recado. Dá uma paradinha aí, que vou deitar falação pra este povo. Por que será que estão aí?

O chofer manobrou, estacionou, o candidato saiu e foi direto ao grupo a que ele chamara multidão, sorrindo e já estendendo mão, dolorida de tantos apertos diários, nestes meses de campanha.

— Sou fulano de tal, candidato a prefeito e estou-me apresentando para que todos me conheçam e possam, de igual para igual, falar comigo, trocar idéias, dar sugestões par o meu governo, pois quero, mesmo, é governar com o povo e para o povo. Outra não é a minha meta e por isto, só por isto, aceitei a minha candidatura, impondo ao partido as minhas condições. Quero ser livre para governar, sem ter compromissos com A ou B. Meu compromisso é só com o povão, pois ele é que vai me eleger.

Depois de ter apertado a mão de todos, ao mesmo tempo em que, com uma voz grave pausada, ia explicando o motivo pelo qual era candidato, viu um caixote no meio do pessoal.

Com a maior sem cerimônia, virou o caixote, de maneira a ficar mais alto e resolveu improvisar um comício relâmpago.

Chamou o motorista:

— Traz do carro o megafone, depressa. Vou catar uns votos por aqui. Só no papo. Ligeiro, ligeiro.

Ele foi e voltou correndo.

O candidato trepou no caixão, verificou se estava bem firme, porque um tombo seria o máximo de ridículo, ergueu o megafone até a boca e principiou:

— Minhas senhora se meus senhores!

O pessoal olhou-se admirado. Não havia qualquer mulher entre eles. Ou aquilo seria alguma alusão ao sexo de um dos presentes.

Porém, o candidato veio em socorro das suas dúvidas:

— Referi-me às senhoras, que não as há aqui presente, porque acredito que, pelo som do megafone, ouvirão o meu rápido discurso e darão, nas urnas, a resposta ao apelo final, que farei em favor da minha eleição, a qual, sem dúvida, levará, também o povo, este sofrido povo, ao Palácio Municipal.

Outra dúvida. Palácio Municipal A Prefeitura se instalara num prédio velho e de vez em quando mudava de endereço.

— Sim, senhoras e senhores, para o Palácio Municipal, uma das metas do meu governo. Não compreendo um município com a pujança do nosso não pode deixar de ter o seu próprio municipal, onde se instalem todos os serviços e povo possa ser bem atendido, sobretudo, com conforto, tal como merece.

Olhou em volta e viu que a número de pessoas decrescia. Empolgou-se para manter o resto de eleitorado, falou inflamado. Bradou, vociferou, e cada vez menos gente. Passou o lenço pela testa suada e prosseguiu firme, como se falasse a dez mil pessoa sinteressadas e viu que só ficara um rapazote.

— Falo prá ti, juventude, que és o porvir do nosso País — tentou demagógico. Mesmo que sejas um só, representas os milhões de jovens a construir a grandeza da Pátria. O teu interesse me renova as forças, me dá animo, me incetiva a prosseguir. Queres

— Por mim tanto faz, tou só esperando o caixote, moço, prá ir prá casa.

(Estórias clássicas da política brasileira, 2)

**COMUNICADO**

As matérias inseridas neste jornal podem ser reproduzidas no todo ou em partes, desde que citada a fonte.

# ACADERNO ESPECIAL

ENQUANTO UMA PERGUNTA IMBECIL FOR SUCEDIDA COM UMA RESPOSTA CRETINA,  
AS COISAS ESTARÃO NA MESMA. (O. O. J.)

## PINHEIRO NETO

FLORIANÓPOLIS — SC

### — APRESENTAÇÃO —

Esta é uma amostra do próximo livro do Poeta Catarinense "PINHEIRO NETO". A obra, denominada "IRIAMAR", será, editada pela Editora Lunardelli, de Florianópolis, em co-edição com a Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina — UDESC, e é uma fusão dos contextos em que vive o Poeta: AMOR E ILHA  
\*Celestino Sachet\*

### — BIBLIOGRAFIA —

PINHEIRO NETO, Liberato Manoel, nasceu em Florianópolis aos 29 de outubro de .. 1948.

Fez seus estudos primários no Grupo Escolar Silveira de Souza; o Ginásio no Colégio Catarinense e o Clássico no Instituto Estadual de Educação.

É licenciado em Artes e Comunicações pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Professor de Língua Portuguesa, Literatura e Teoria da Literatura.

Na área jornalística, foi repórter do jornal O ESTADO; colaborou com jornais universitários e com o jornal "A GAZETA", de Florianópolis. Editou uma página de estudos literários e divulgação poética no jornal ilhéu "VENTO SUL". Atualmente edita a página "CESTO", no jornal de SANTA CATARINA, onde divulga poetas, cronistas, contistas e romancistas catarinenses e brasileiros, bem como análise, apresentação e sugestão de livros.

Escreve poemas desde a tenra idade.

Participou do Simpósio de Literatura Brasileira e do 1º Seminário Nacional de Literatura, realizados pela UFSC, de 13 de janeiro a 26 de fevereiro de 1975.

Foi classificado no 1º Concurso Nacional de Poesia de Florianópolis, realizado em julho de 1976 pela Prefeitura Municipal de Florianópolis.

Coordenou o 1º Festival de Poesia do Instituto Estadual de Educação, realizado em novembro de 1976.

Escreveu "PREFEITURA, COMUNIDADE e EDUCAÇÃO", livro técnico sobre o artigo 58 da Lei 5.692/71, editado pela Editora Lunardelli, de Florianópolis.

Participa da "ANTOLOGIA DO 1º CONCURSO DE POESIA DE FLORIANÓPOLIS", editado pela Prefeitura Municipal de Florianópolis Possui dois livros prontos e no prelo: IRIAMAR E EXPERIMENTALISMO.

Escreve, também, crônicas e contos.

### *Iriamar - 2*

(do livro inédito IRIAMAR)  
\*Pinheiro Neto\*  
Florianópolis-SC.

Iria cresceu  
deixou o mar.  
Amou no ranger-penus;  
desfigurou-se na noturna vida dos sem-domo;  
Sofreu!  
Buscou a fonte  
No negro asfalto;  
O campo agreste  
no gélido concreto;  
a flor primeira  
nos elevadores burocratizados.  
Reconciliou-se!  
No mar longínquo  
enxugou seu pranto.  
Na areia branca  
enterrou os sonhos desbotados.  
Maturou-se!

### *Gleba perdida*

(do livro inédito IRIAMAR)  
\*Pinheiro Neto\*

Canas verdes  
Isoladas  
Praias virgens  
Solitárias  
Maduras canas  
Esquecidas  
Adultas praias  
Violadas.  
Canavial  
Canas do Vieira  
Praias estrangeiras.

## En esta tierra

LUIS — BRUSQUE-SC

En esta tierra há mais prisioneiros  
que torturadores,  
há mais índios nos museu  
que plantando nas serras  
e mascando coca nas ruelas.  
En esta tierra há mais torturados  
que suicidados,  
há mais jornalistas calados  
que escrevendo ao povo  
aquilo que deveriam escrever.  
En esta tierra restam poetas mudos  
que preferem livros brilhantes  
do que papel mimeografado .  
En esta tierra, Neruda, a poesia quer status  
e não contato entre companheiros.  
Quer ser spot-lights nas noites de gala  
e não trochas nas mãos calejadas  
que procuram o caminho.  
Volta, irmão, en esta tierra  
o poeta precisa abraçar seus amigos  
e juntos erguer uma nova vida .

## O sapo

\*Por Oldemar Olsen Jr.\*  
Blumenau-SC.

Ah! é noite, e quando a esta noite adentro,  
Com passos irrequietos, doidos, fulos...  
Sinto-me seguido por lentos pulos.  
Nesta calçada fria e sempre no centro,

O sapo pulando no metacentro  
Cadenciando aquelas ímpetos nulos .  
Eu chuto aquilo e vejo e sinto os ulos  
Sentidos e roucos que saem de dentro

Daquele ventre nefasto e gosmento .  
Que parto obscuro gerou, necessariamente,  
Este animal, feio, gordo e nojento?!

As fraquezas térreas são estes sapos  
Malditos que nos reduzem, periódicamente,  
no desalinho singular dos trapos!

## Abandono

CIRINEU M. CARDOSO  
Fpólis — SC.

Teu corpo está cansado  
Meu velhinho  
Tuas pernas trôpegas  
Teus lábios trêmulos.  
Desamparado  
Esquecido nas esquinas do mundo  
Nas avenidas tumultuosas

Sapatos sem brilho  
Roupas amarrotadas.

Teus olhos afogados  
Em saudades juvenis  
Meu velhinho,

Naufraga em rugas rudes.

Ah meu velhinho  
Quantos amores vividos  
Quantos sonhos esvaecidos!  
Anos de construções se foram,  
Mais deixaram nos bolsos

O preço da servidão.

Teu corpo alquebrado  
Meu velhinho,  
Desamparado espera  
A derradeira hora.

## Exortação

Por A. Garibaldi  
Portugal - Europa

Ergue a fronte, camarada,  
Vamos lavrar este chão!  
Doire o geito de uma enxada  
A força da tua mão!  
— Ergue a fronte, camarada,  
Vamos lavrar este chão!

Portugal ; mundo novo  
Ao nascer da Revolução.  
Enche de sol, este Povo,  
De alegria o coração.  
— Portugal é mundo novo  
Ao nascer da Revolução.

Não esqueça a tua fala  
O que foi a escuridão:  
P'ra que possas, ao lembrá-la,  
Afirmar-lhe sempre "não!"  
— Não esqueça a tua fala  
O que foi a escuridão.

Vamos fazer do País  
O riso de uma canção:  
Doirada Pátria feliz  
Onde tudo seja irmão,  
— Vamos fazer do País  
O riso de uma canção.

Trabalho que nos afoite  
Para melhor estação:  
P'ra que jamais volte a noite  
Que nos deu dor de opressão.  
— Trabalho que nos afoite  
Para melhor estação.

O esforço dos nossos braços  
Há-de dar rosas e pão.  
Que o sol que cai dos espaços  
Abençoará este chão.  
— O esforço dos nossos braços  
Há-de dar rosas e pão.

E por séculos além  
Este Povo, qual leão,  
Há-de-dizer, alto e bem,  
Que não quiere a escravidão.  
— Há-de dizer, alto e bem,  
Que não quiere a escravidão.  
1975.

## (sem titulo)

Raimundo Caruso  
Ppólis - SC

barriga  
civil  
anônima  
joão  
na cárie do dente do pedro  
barriga  
certo coração  
na cárie  
bandeira dobrada  
panela comida  
sob a axila de john  
sob  
a  
axila  
de john a bandeira a panela  
de pedro  
joão

## 3 POEMAS DE MAURA DE SENNA PLATEIRA

### Veraneio

Alegria de ter logo à porta o rio caboclo  
e sobre fundos peraus e leves peixes  
e entre coroa de aguapés em flor  
tomar, ainda cedo, o banho bugre.

Alegria de comer a carne dos ingás maduros  
e do carneiro novo imolação  
e dormir depois na rede mansa  
tendo cravos do mato nos cabelos.

Alegria de ler debaixo dos salgueiros úmidos,  
de saudar os patos brancos nadando  
e ver o plátano grande todo dourado  
do crepusculo.

— Boa tarde, vizinha,  
(É o piá que lá vai  
— pequeno servo nos pastos criulos —  
cuidar das rezes, ludar nos tambos.)

Alegria de ouvir as odes soltas do vento  
na tarde longa  
e ver os pássaros sem dono  
chegados do Eden  
cadiando, felizes, nos banhados do campo.

A lua crescente  
como uma jóia moura  
já está enfeitando a noite nova. Alegria!

Alegria, alumbramento, comunhão.  
Alegria  
em que ternamente se mistura  
a tristeza de olhar o menino peão.

### Quero ajudar

Quero ajudar a construir o mundo futuro  
e colocar a minha pedra  
no lugar exato e na hora certa.  
Quero conter a pressa de ajudar  
deter os passos vãos e as mãos sófregas  
ser vigilante, compreensiva, tenaz.  
Deixa no grandiosoedifício a minha pedra  
com a mão segura para que ela não vacile  
e role nos espaços  
feita escombros antes de ser coluna.  
Quero deixar segura a (minha) pedra.  
Altos frisos a revestirão  
esculpidos por sábias mãos alheias  
mas — pequena e anônima, direita e firme —  
ela estará lá dentro ajudando.  
Quero ajudar a construir o mundo futuro  
— o mundo sem opressão e sem miséria —  
luminoso, rasgado, justo.  
Quero permanecer alerta  
e colocar a minha pedra  
no lugar exato e na hora certa.

### Desafio

... assim inexorável  
ao menos venha ela  
após caminho longo  
depois de longa vida bela  
com pão, maçãs e vinho  
e a paz e o amor grudadas  
na flor azul da Terra.  
Venha como um sono, uma carência  
de parar, uma exaustão, um orgasmo.  
Assim venha  
porquanto — incrêus o —  
desse sono vamos  
despertar no Nada fatalmente.

3 POEMAS DE

MAURA DE SENNA PEREIRA

Veraneio

Alegria de ter logo à porta o rio caboclo e sobre fundos peraus e leves peixes e entre coroas de aguapés em flor tomar, ainda cedo, o banho bugre.

Alegria de comer a carne dos ingás maduros e do carneiro novo imolado e dormir depois na rede mansa tendo cravos do mato nos cabelos.

Alegria de ler debaixo dos salgueiros úmidos, de saudar os patos brancos nadando e ver o plátano grande todo dourado do crepúsculo.

— Boa tarde, vizinha,  
(É o piá que lá vai  
— pequeno servo nos pastos criulos —  
cuidar das rezas, ludar nos tambos.)

Alegria de ouvir as odes soltas do vento na tarde longa e ver os pássaros sem dorso chegados do Éden cadiando, felizes, nos banhos do campo.

A lua crescente como uma jóia moura já está enfeitando a noite nova. Alegria!

Alegria, alumbramento, comunhão. Alegria em que ternamente se mistura a tristeza de olhar o menino peão.

Quero ajudar

Quero ajudar a construir o mundo futuro e colocar a minha pedra no lugar exato e na hora certa. Quero conter a pressa de ajudar deter os passos vaos e as mãos sófregas ser vigilante, compreensiva, tenaz. Deixa no grandiosoedifício a minha pedra com a mão segura para que ela não vacile e role nos espaços feita escombros antes de ser coluna. Quero deixar segura a (minha) pedra. Altos frisos a revestirão esculpidos por sábias mãos alheias mas — pequena e anônima, direita e firme — ela estará lá dentro ajudando.

Quero ajudar a construir o mundo futuro — o mundo sem opressão e sem miséria — luminoso, rasgado, justo. Quero permanecer alerta e colocar a minha pedra no lugar exato e na hora certa.

Desafio

... assim inexorável ao menos venha ela após caminho longo depois de longa vida bela com pão, maçãs e vinho e a paz e o amor grudadas na flor azul da Terra. Venha como um sono, uma carência de parar, uma exaustão, um orgasmo. Assim venha Porquanto — incréus e — desse sono vamos despertar no Nada fatalmente.

O bobo da corte

\*Maria Odete Onório Olsen\* Blumenau-SC.

é claro que sei das coisas, principalmente o meu contexto é geográfico e delimitado absurdo sei, mas há! é estilística ambígua que exprime o meu complexo. é claro que sei das coisas, sou triste altruista-divertido satírico o meu campo é infinito pretensão individual e incompleto mas procura mensagem, quem sabe nos desníveis da previdência social, na projeção em sequência da navalha no visual... é claro que sei das coisas, e até me impus um adestramento em segredo, e cavalgo nas ruas nas orações nas refeições enjaezado cavalgamento dada minha eficiência metabólica-ultra-renal, e lógico, esse desequilíbrio fisiológico me acarreta não raras humilhações riado ao ilusório, minha popularidade barata me subordina à desleal integridade outro segredo, mas grosseria também lambo as migalhas na faxinaria.

Evolução

\*Artêmio Zanoni\* Urussanga-SC.

Havia o Deus sem asas um gesto sem muralhas garras pedras escarpas e no fundo um espanto bolha explosão e fole. Havia o Deus sem sopro despojado inativo alheio a águas e céus... e, no entanto, nada havia, ninguém!... O que havia? O Deus com seus ritos projetos limites entre as obras, nos inventos em prova a potência do estado? Havia o Deus sem pressa soltando-se dos jugos: — as chamas das cortinas alpendres em sua cova dedos engatilhados. O que havia? O Homem que não sabia quem era com suas asas seu sopro agredindo fronteiras mistérios tempo fome... Há o homem, agora, com seus ritos projetos alheio a céus e lírios... deus que em suas empreitadas destrói o próprio nome.

Navegação livre

José Roberto Rodrigues

O que eu renego é este atar de pulsos é esta opressão esta repressão O que eu condeno são estes punhos opressores O que eu quero é ver o mar azul e calmo e o meu barco navegando sem censura

Figuras

Marcelo Cavalcanti Fpolis — SC

Cartas recatadas, rostos cobertos num ato hábito, religioso re-pitoso; entre bordados de alva mantilha negra, de fosco chapéu negro.

passam tresandando incenso e naitalina num fedor intenso de gordura (suada) suína.

Caras carrancudas, sisudas. Figuras urdidas de sombras. Figuras estáticas

extáticos em soturno sibilante, olhar: inusitado/descarado decoro. Caras deslavadas, rostos repletos num ato hábito, duvidoso suspeitoso; entre ornatos de rosa aromatizada de nada, de joia dourada de nada.

Passam tresandando flores e hortelã prometendo calores de gordura mal-amada, de carícia vã.

Caras coloridas, plásticas margaridas. Figuras urdidas de cascas. Figurinos aromáticos

simpáticos em sibilino em languinescente olhar: educorado/flavorizado "décor". Caras empostadas rostos espertos num ato hábito, moderno suspeitoso; entre oblatos de feição arrivista, de alma arrivista.

Passam tresandando ao vento e aos passantes, modernidades e amores com a moral de um óbolo apesar dos ardores (dolores) sabidamente vaos.

Caras outonais, cogumelos marginais. Figuras urdidas de desencanto. Figurinos metastáticos

catárticos em fugaz em insipiente encerrar desafinado/esganiçado coro.

CRITICA

**PEDRA REDONDA: O ONTEM E O HOJE**

Lauro Junkes

A Editora Lunardelli, de Florianópolis, acaba de lançar mais um livro de poesias: PEDRA REDONDA. Dois autores, sobrinho e tio, reúnem seus poemas neste modesto mas belo volume. E o título PEDRA REDONDA evoca a fazenda, em Cataguases, marco inicial da família Martins Mendes. Esta é também uma homenagem ao centenário de Cataguases, desta cidade da Zona da Mata de Minas Gerais que, na década de 1920, assumiu posição vanguardista no cenário nacional, quer no panorama literário, com o Grupo Verde (de que participou Carlos Drummond de Andrade), quer no setor de cinema, em que pontificou o mestre dos mestres, Humberto Mauro, a grande alma e o pai permanente do cinema brasileiro.

Este volume reúne vinte e três poemas de Luís Antônio Martins Mendes, reedita 13 POEMAS de Antônio Martins Mendes, publicados em 1929 em Cataguases, além de incluir mais dez poemas inéditos deste último autor.

Antônio Martins Mendes vive atualmente no Rio, mas foi um dos participantes do Grupo

Verde, de Cataguases, onde editou, em 1929, os 13 POEMAS, agora reeditados. Sua poesia caracteriza-se pela serena captação do fato concreto ou da paisagem bucólica ("A Tropa", "O Túnel", "Evocação", "Meia Pataca"), ou pelo lirismo amoroso, envolto de suave e serena confiança no amor. Mesmo que esta confiança seja às vezes perturbada pelas contingências oscilantes da vida, mesmo assim nunca transparece drama ou revolta. Antônio é um poeta sereno, que contempla a vida e seus movimentos com a calma de um espírito maduro.

Luís Antônio Martins Mendes, o sobrinho, é um poeta jovem, nascido em 1948, formado em Engenharia de Telecomunicações, que vive atualmente em Florianópolis. O poema de Luís Antônio adquire sua beleza e atrativo através da captação dos aspectos simples do cotidiano e do enfoque desprezencioso dos aspectos existenciais. Dotado de rara sensibilidade, sabe descobrir o valor e a função das pequenas facetas do cotidiano.

Uma das constantes de seus poemas é o lirismo amo-

roso, lirismo nem sentimental nem dramático. Sabe retratar o momento do amor pleno ("Momento"), o anseio amoroso ("Aviso"), o retrato da mulher atraente ("Retrato 3x4"), o galanteio amoroso, serenamente sensual, da mulata em "Rua Alexandre Mackenzie" ou da "Morena". Mas, há também o desencontro amoroso, a solidão do desamor ("Lágrima", "Solidão"), a sentida e repetida dor de "Desmancho", a agoniada solidão de "No Hospital (agonia)", ou ainda a busca serena mas imperiosa para os "dissabores/desamores / e / ódios" em "Repouso".

Sensível ao mundo circundante, o poeta não se eclipsa num solipsismo acanhado, mas levanta indagações existenciais que angustiam o homem contemporâneo ("Por quê?"), focaliza os dramas do cotidiano, geralmente despercebidos em sua aparente banalidade ("Campônio", "Botêquim", "ônibus"), ou alerta para o tocante contraste do belo poema "Natal".

E para finalizar esses rápidos comentários sobre a poesia de Luís Antônio Martins

Mendes, transcrevemos um poema em que seu espírito capta as transformações decorrentes do progresso tecnológico, resultando num quadro desolador:

**PRAÇA ALVINO REIS**

Era oval.  
Árvores, grama e terra.  
O bonde a contornava animado,  
com seu trim-trim,  
crianças que ali brincavam enquanto  
cobradores de lusos bigodes  
namoravam  
negras babás de alvos dentes.

Depois ..  
Aposentaram os bondes.  
Derrubaram as árvores.  
Pavimentaram a grama.  
Cortaram a oval ao meio com  
uma pista de alta velocidade.  
Expulsaram as crianças.  
Separaram os casais.

.....  
Agora,  
só restam  
duas meias-luas.  
Mortas,  
secas  
e  
cinzentas.

**Mini Mercado  
Fiambreteria Globo**

Rua XV de Novembro, 1464  
(em frente ao Banco do Brasil)  
Fone: 22-5036

Blumenau Santa Catarina

ENTREGA A DOMICILIO

CALCULADORAS CIENTÍFICAS  
E FINANCEIRAS

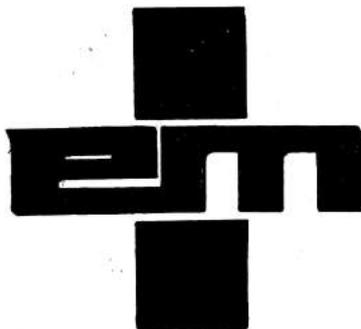


**HP-21, HP-22 e HP-25**

ARTIGOS PARA DESENHO E TOPOGRAFIA  
COPIAS HELIOGRÁFICAS E XEROX

ENGECOP — MATERIAIS TÉCNICOS LTDA.

Rua Nereu Ramos, 157 — Fone 22-2206  
Blumenau Santa Catarina



**ELETRO MÉDICA S. A.**

FABRICA MÓVEIS HOSPITALARES COM ELEVADO PADRÃO TÉCNICO E ESMERADO ACABAMENTO, LINHA COMPLETA DE MÓVEIS HOSPITALARES, PARA CONSULTÓRIOS MÉDICOS, SALAS DE OPERAÇÃO, SALAS DE RECUPERAÇÃO.

Rua Iguaçú, 99 - Tel.: 22-4099 - 22-1868 - 22-4056 - C.P. 488 - 89.100

BLUMENAU SANTA CATARINA

## OPINIÃO

## Perdoem, mas: «uma só palavra não faz poesia»

\*Fred Richter\*

Seria pitoresco, se não fosse lamentável, que no sul, ou mais precisamente aqui em Santa Catarina, não há propriamente vida literária; há em outros estados, no Rio ou em São Paulo, por exemplo.

Sobretudo os jovens lá se encontram regularmente para falar horas de literatura, ao ponto de que a maioria não tem sequer tempo de fazê-la.

Será um sonho desperdiçado mas freqüente. E diz muito para quem se ocupa de letras (não as de câmbio) essa crença nelas tão geral e arraigada, e mais ainda na glória, no valor excepcional dos escritores, na bolsa dos prestígios.

A literatura naturalmente está nos livros, mas também, como sombra ardente, nessa platéia que, às vezes, sem querer, lhe atribui tal decisividade.

As vaidades, promovidas ou ofendidas, os remoques soezes, as brigas não tiram o fulgor idealista da "existência

existida só porque a literatura existe", e tudo isso dá vida as letras.

Escrever fora daqui é incomparavelmente mais incentivado e incentivador que em qualquer outra parte entre nós.

Mas tenho que concordar com uma coisa: está surgindo entre nós um novo campo de relações fônicas, com a perspectiva de nova estrutura; o neo-concretismo.

No entanto, ele já tinha o seu tempo. Apelando ao primitivismo como forma de vanguarda, teve destaque com Oswald de Andrade, hoje venerado pelos concretistas, porque tinha praticado o poema minuto, o poema reduzido a um mínimo de palavras e no qual o espaço incorporado ao poema era mais amplo que o da linguagem discursiva.

Quando não tenho o que ler, leio o dicionário. Abro-o ao acaso e vou dele trando o léxico, verbete por verbete. Não o faço para desencavar palavras estranhas ou arcaicas. Mas para conferir minha ignorância ou aprender o exato

sentido que elas tem. É um exercício proveitoso.

Não, meu caro, já não temos mais... diante de tão frívola empreitada.

Não é acidente. Também não é acidente que de um minério surja um óxido, que desse óxido surjam eletrólitos, que desses eletrólitos camadas de ânodo, que das camadas lingotes, etc.

Pois, aqui entre nós, V não acha que a poesia brasileira está muito longe de consagrar semelhante escola?

Depois, já estamos cansados de espaço em branco, de apelos à comunicação não-verbal, da crono-micro-metragem do acaso, enfim, da poesia agonizante dos concretistas.

De resto, já disse Cassiano Ricardo: "os que aboliram verso e prosa no poema, com a abolição da frase ou do "discurso", foram antecipados por Oswald, com a vantagem a seu favor de não haver sacrificado a sintaxe verbal, sem ter cortado a língua a si próprio, como aconteceu aos concretistas".

## POR UM CONCEITO DE LIBERDADE

\*Norton Azambuja\*

Uma das coisas mais vituperadas atualmente, é exatamente o conceito de liberdade. Liberdade, real, para existir, pressupõe certos caracteres necessários e suficientes para existir. Liberdade não é apenas a palavra! Assim como não apenas vociferar com a censura, chamando a ela suas e todas responsabilidades. Tomando inocentes todo um grupo que da pena o poder detém, para as grossuras que ela comete. Liberdade não é uma calça velha, como faz soar a propaganda. Liberdade não é berrar apenas que o socialismo puro e simples é solução.

Não é, criminosamente, dolosamente até, chamar por mais que excasso anda.

Não é oposição sentir castrado, todo seu desejo de união. Não é igualmente locupletar os desejos de uma minoria d'outro partido.

Liberdade não abre asas por não ter, não despeja nada sobre nós.

Liberdade, apenas faz de nós, gente mais séria, coerente responsável que antes de mergulhar da barca atroz, da ébria oposição festiva, que Baco dirigindo ri consigo, dos pobres tropeços que traz, pensa duas vezes em opor por

simples fileiras a engrossar. Pois sabe a crise que nos aguarda, sabe das crises que passamos e conhece os difíceis amanhãs.

Liberdade é antes ter consigo, praticar a tolerância no total. É assistir-se às críticas corretas, sem manchar-se os nomes dos que a fazem. É ter alma grande, muito grande, pra dirigir uma só embarcação, e poder-se com calma, frente a vaga, dizer que à alma grande a pena sempre valeu. É tolerar-se sem pobreza, as agressões, é comportar-se como marujo em escarpela, é saber-se nadar em escuridão. Liberdade prevê mais que pa-

lanques, esfumaçados, dos foguetes, mil pelo Brasil, prevê renúncia muita fé e muito credo. Prevê paz tolerância e paciência, principalmente aos aretinos e tartufos, que um momento gélido por fatalidade escurece céus.

O conceito de liberdade ainda é mais amplo, que a cartilha de um simples demagogo, poderoso, por melifluos contatos, Senhor sim de situação vil.

A este, a verdade punirão. E como Brecht dizia, esta a ele jamais faltarão pois ela é filha da verdade e jamais da autoridade ou coação.



FAÇA SUA CASA SORRIR  
COMPRANDO NO PROBST



scriba

## FICÇÃO

HISTÓRIAS PARA O PRAZER DA LEITURA.

Rua Itamonte, 50  
Rio de Janeiro (RJ) — 20.000.

## ESCRITA

REVISTA MENSAL DE LITERATURA  
Rua Monte Alegre, 1434  
05.014 — São Paulo — (SP)

# Deixem-nos fazer...

Discurso proferido pelo presidente do DCE Silvio Borges de Jesus em sua tomada de posse

Entre as breves dimensões deste recinto, vivemos a grandiosa proporção de uma quadro, cujo tema é o reino de pensamentos, sentimentos, de propósitos, decisões e atos, pelos quais se veem envolvidos todos os empossados neste momento.

Rumo a um destino infinito, que se afasta sempre, que fascina e que se alarga sempre, como a própria esperança que o encerra, este grupo que hoje se compromete a uma resoluta atuação acadêmica, em todos os setores da vida universitária, o faz, com certeza, alicerçado nas palavras de Buxton: "A diferença entre um homem e outro, entre o fraco e o poderoso, entre o inteligente e o insignificante, é a energia. Energia daqueles que entendem de que fora do sacrifício, não há realizações apreciáveis;

Energia dos que não se subestimam e nem mesmo se alienam, em prejuízo dos seus representados.

Energia de quem sabe desvencilhar-se do derrotismo gracante;

Energia dos que entendem que o respeito não pode se confundir com a submissão.

Energia dos que defendem o interesse universitário, na certeza de sermos uma geração carente de realizações e que por isso, não se conformam em simplesmente tornarem-se elo, que lega aos nossos filhos, o que recebemos de nossos pais;

Energia de quem não justifica seus fracassos pela falta de tempo ou de motivação;

É preciso lutar; É preciso atuar; É preciso realizar.

A nossa maior necessidade é fazermos o que podemos fazer.

Podemos, no entanto, nosso proselitismo levar os mais inconformados, pela sua própria fraqueza, a considerarmos-nos como de discensões ou provocadores da ordem geral.

Em sua existência sonâmbula, haveremos de decepcioná-los.

Se pretendemos dar ao Diretório o valor e o conceito que realmente deve ter, com o

órgão de representação do corpo discente, fa-lo-emos dentro dos preceitos legais, sem feri-los, mas aproveitando toda a sua extensão.

A estrutura acadêmica adequada, pela qual lutamos, deve ser motivo da participação global, pois que, é do interesse geral e mesmo da própria comunidade.

Se em minha oração a algum momento, argumentar-se que a atuação melhorada só ocorre porque a natureza humana anseia por uma platéia, penso que é muito mais do que isto.

É o desejo que sentimos de nos libertarmos do conformismo, da estagnação e da indiferença:

É acreditar no trabalho, que frutifica e afasta o mais paralisador dos medos.

O medo do fracasso. É acreditar na própria dignidade humana.

Roguemos a Deus, para que sejamos sustentados no nosso espírito realizador, não menos útil a nós do que aos fracos, e que Deus alumie os fracos na inteligência, para que possam conscientizar-se da situação, que reciprocamente compreendida e mantida a decisão com firmeza e lealdade, será para um e outro, origem de bens incalculáveis.

Sabemos ser, na organização da vida estudantil acadêmica, o papel do Presidente e seus companheiros de diretoria, de uma peculiaridade notavelmente característica.

Não é apenas, como pelo comum se supõe, dirigente estudantil, mas sim, acima de tudo, depositários de vontades e decisões, determinantes do destino do nosso Diretório Acadêmico Clóvis Beviláqua.

Eis em sua estrutura e em toda a sua dimensão os nossos propósitos.

Roguemos a Deus que não nos falte a humildade necessária para compreender a grandeza dessa missão, nem o calor humano de que deve ser revestida, para que não se sufoque, em nossas palavras, o desejo de participação e realização.

O nosso labor arduo e incessante somente será substituído pela dedicação à família e ao trabalho.

Nestas convicções encerro minhas palavras.

## VI Festival Cruziliense de Música Popular

INSCRIÇÕES: de 1º de novembro a 5 de dezembro de 1977

REALIZAÇÃO: Dias 16, 17 e 18 de dezembro de 1977

LOCAL: Clube Recreativo Encruzilhadense — Cruzília — MG.

### PREMIOS

JURI OFICIAL — Composição: 1º lugar: Cr\$ 8.000,00; 2º lugar: Cr\$ 4.000,00 — 3º lugar: Cr\$ 2.000,00 — 4º lugar: Troféu — 5º lugar: Troféu — Interpretação: 1º lugar: Cr\$ 500,00 — 2º lugar: Troféu — 3º lugar: Troféu.

JURI POPULAR — Composição: Troféu "Chico Buarque de Holanda" aos três primeiros colocados.

Interpretação: Troféu "Maria Bethnia" aos três primeiros colocados.

### PREMIOS ESPECIAIS

MELHOR ARRANJO: Cr\$ 300,00 — MELHOR LETRA: Troféu "Dantas Motta" — Melhor Comunicação: Troféu "Maestro João Carlos Filho" — Personalidade do Festival: Troféu "Maestro Pedro Ferreira de Souza".

### Locais de Inscrição:

Em Cruzília: Escritório local da EMATER/MG, ou pelo telefone: 2260.

Em Belo Horizonte: Com Carlos Orlando N. Penha à Rua Bernardino de Lima, 210 (Edifício Patrícia Maciel) Apto. 304 Gutierrez — tel. 335-8758.

### EXIGÊNCIAS PARA INSCRIÇÕES

Taxa Cr\$ 50,00 por música — Fita Mini K-7 com a (s) música (s) gravada (s) — Máximo de 3 músicas por compositor — 15 vias datilografadas da letra.

CRUZILIA FICA DISTANTE APENAS 18 KM. DE CAXAMBU

## JORNAL DE LETRAS 28 ANOS

Por Elycio Condé

O Jornal de Letras, ao completar seus 28 anos de existência ininterrupta, com o lançamento do número 316 (julho de 1977), sente-se com um dever cumprido, no que se propôs: trabalhar pela cultura, servindo às letras e às artes do País. Modesto, sem nenhuma pretensão, não olhando obstáculos, atento à curiosidade intelectual da coletividade.

Estamos cada vez mais, penetrando em todo o Brasil e no exterior. Mais de duas mil cidades do Brasil recebem e lêem o JL. No exterior é rara a Universidade que não assina este mensário. Onde há uma Embaixada do Brasil ou um Consulado, o jornal está sempre presente.

Vamos continuar, ainda há muita vontade de prosseguir, cada número lançado é mais uma alegria e uma satisfação para o trabalho dos que aqui mourejam. O microfilme dos seus primeiros 27 anos é encontrado nas Universidades e Bibliotecas estrangeiras; escritores e artistas que colaboraram nas suas páginas estão hoje servindo de temas para lições sobre nossas letras no estrangeiro, através do microfilme.

Retornando a um passado

distante sentimos que foi muito sacrifício para uma tarefa tão espinhosa que nos propusemos realizar e que continuamos tentando. A semente já está plantada e quando algum dia passar a outras mãos, estamos certos de que poderão continuar na mesma meta — servir sempre à cultura. É comovedor o apelo que recebemos, em certenas de cartas de todo o Brasil, incentivando-nos e mostrando quanto o JL tem sido útil no seu trabalho, nas Escolas e Universidades.

Os que trabalham no JL não o fazem por interesse material, pois o jornal nada tem a dar, pois apenas deseja servir a uma boa causa. Durante todos esses anos temos procurado levar a todos os recantos da nossa Terra notícias e informações da vida dos livros; de quase todos os cursos literários realizados no País; informes sobre a vida cultural nos Estados; a presença dos seus escritores e a divulgação de suas obras.

A direção do JL agradece a todos os que aqui, indistintamente, colaboraram durante tantos anos pela sua sobrevivência, prestando assim, juntos, expressivo serviço à cultura no nosso País.

### JORNAL DE LETRAS

EDF. RAIMUNDO CORRÊA

RUA BARATA RIBEIRO, 774 — 10º. ANDAR — SALA 1001  
RIO DE JANEIRO — RJ

# KOISCE'S

\*Tito Ville\*

**DÍVIDA** — Já esperava-se este aumento de alunos em débito com o Dept.º. financeiro da FURB.

O aumento da dívida dos alunos para com a FURB foi equivalente ao aumento das anuidades (125%)... Só que o aluno terá que pagar e explicar porque atrasou mesmo pagando juros; isto é, fazer o que eles não fizeram quando aumentaram as anuidades e quando reteram o dinheiro do DCE.

**FENSAMENTO** — "O grilo que era falante calou-se"...

**FEMINISCÊNCIAS** — Li no número anterior de O Acadêmico: "O teatro do Absurdo" Como já havia assistido (também) a peça "Os LOUCOS", cheguei a seguinte dedução: Phoenix, o absurdo do teatro.

**PROMESSAS** — Uma vez foram prometidos alguns relógios para o Clube de Xadrez. Agora estou em dívida, se a promessa é para ser comprida ou cumprida.

**ADEPTOS** — Existem professores que se dizem tocados com o artigo: Magister dixit e outros leram e não entenderam... Como era de se esperar.

**TARADO** — Um professor ao chegar em sala disse:

— Para passar em minha matéria terão que ler, no mínimo, 25 livros.

... Uns dias após, ele deu um resumo de um livro de 150 folhas (300 páginas) para os alunos fazerem no fim de semana.

... Houve um berreiro geral...

E o maníaco falou: "livro de 150 folhas é para se ler quando se vai ao banheiro"... Feliz de quem pode ficar sentado durante tanto tempo num lugar tão incomodo... Ai, um magro falou para o outro:

"Acho que ele sofre de vermes ou tem disenteria"... Que nada respondeu o outro: "Ele vai ao banheiro descarregar o que tem na cabeça, por isto é que demora tanto".



**IMPERTINÊNCIA** — Depois de derrotado nas últimas eleições para o diretório de Direito, o sr. Ingo tentou um último recurso junto à reitoria alegando que o presidente eleito está irregular... Cá entre nós (não entre os nós, ou noz), todos sabemos que a única sucessão previsível é a dos números inteiros... E na última, também haviam alguns algarismos fora de lugar e outros foram acrescentados com as notas do Restaurante Chinês... Particularmente, não acredito e nem poderia... Pois, não fui convidado nenhuma vez...

**DICAS** — Preciamos de um tira-manchas para tirar as manchas deixadas pelo tira-manchas.

**FILOSOFIA** — O mal da política é que nunca sabemos se os ditadores são homens inteligentes blefando ou imbecis falando sério.

**MACABRO** — Recebemos um convite para a formatura da primeira turma de engenharia... Uma beleza... Na primeira impressão, quero dizer, a impressão que tive foi de que se tratava de um periódico das casas funerárias de Blumenau; também, pudera... Com aquelas tarjas negras... Mas deixa prá lá, o importante é estar lá fora brigando para manter as aparências ou permanecer aqui dentro mantendo as aparências para não brigar.

# Lideranças estudantis

\*Marcos A. Bedin\*

Estamos sofrendo uma evidente crise de lideranças. Afora os meios políticos, onde, não raramente, a liderança é confundida com oportunismo, podemos afirmar que todos os demais setores da vida nacional carecem de líderes, na mais ampla acepção da palavra.

Senão vejamos no próprio cenário estudantil chapecoense. Cade a União Estudantil Chapecoense, o Grêmio Estudantil Manuel Bandeira, a Associação dos Estudantes da Região Oeste (Aero) e outras organizações essencialmente estudantis? Ou desapareceram, ou mudaram, transformando-se em entidades sem presença nem atividades.

Todo o ideário que nutria e orientava a filosofia de trabalho das associações estudantis sofrem de acentuado avaziamento, denotando que o livre exercício da liderança estudantil atravessou uma metamorfose forçada, constituindo-se em objeto de uso e desuso de interesses estranhos à sua própria razão de ser.

A reforma introduzida na estrutura das organizações de cunho estudantil, em 1975, tolheu-as, tirando-lhes independência e submetendo suas decisões à apreciação das direções dos educandários. A consequência não demorou a transparecer: os bons líderes foram afastados pela própria dificuldade em exercer as funções. Os demais, elevados à liderança por "privilégios especiais", descaracterizam a ação estudantil.

Considerada como válvula de aferição sócio-político nacional, a classe estudantil vem sofrendo pressões de toda ordem, quando protestam contra determinadas atitudes tomadas por organismos estatais. Sob a alegação de que podem afetar os dispositivos de segurança nacional, os estudantes são taxados indiscriminadamente de "subversivos", "comunistas", "desordeiros", "baderneiros" e outros.

Em Chapecó tal não ocorre, como já frisamos, devido à apatia em que se encontram os líderes estudantis, desnotados pela ausência de apoio, pelo afastamento dos princípios básicos, pelo alheamento aos verdadeiros interesses da classe e pela adoção de uma hierarquia piramidal que pouco lhes interessa.

E a imprensa estudantil? Vários periódicos circularam, editados sob a responsabilidade de agremiações de estudantes secundários, de curso médio e superior.

A inexistência de suporte financeiro, a abordagem de assuntos desinteressantes ao meio estudantil e o desconhecimento das normas gerais do jornalismo decretaram a extinção dos seus informativos.

Mas a experiência, em sua idealística, não morreu. Ainda existe a esperança de que novos valores se manifestem e ingressem na liderança da classe com mão firme, com olhar cosmovisionado e com a convicção de propósitos para elevar a situação dos estudantes, reivindicando melhores professores, equipamentos, taxas condizentes, novos cursos e uma melhor situação para propiciar aprendizado mais dinâmico.

E então?

Aguardamos os novos líderes.

toalhas



## ARTEX

A MODA EM TOALHA — Blumenau - Santa Catarina

# ENSAIO

## O evangelho do nada

\*Prof. Augusto Sylvio Prodoehl\*

POSTO que estejamos concordantes à conceituação e definição dos símbolos, vamos ao assunto.

Baudelaire escreveu que "o mais perfeito ardid do Diabo consiste em fazer crer que não existe". Nós, latinos, costumamos dizer que não acreditamos em bruxas, mas que elas existem, juramos que existem".

Satã (ou o Diabo) fomenta a civilização em tudo o que possa fazê-lo esquecer sob mil e um disfarces, à usança de novos semânticas, quer sociais, políticas, econômicas, religiosas, etc. Começa pelo criminoso otimismo, segundo o qual toda a obra da razão humana é boa em si e finalmente há-de levar ao triunfo (vejam a Revolução Francesa, da qual a burguesia capitalista nascente tomou conta); o "rousseauísmo" deturpado das opiniões sobre o homem ("o homem nasce bom" mas a sociedade o corrompe"), que surge sob a forma da crença tipicamente "americana" no "ilimitado poder da educação", (profissionalizante, que é de preferência, "instrução" e não educação); na redenção pela "pedagogia" behaveriana, a qualificação "animal", simples e pura, do homem; a psicanálise e a psicologia popularizadas que libertam sumariamente do pecado para reduzi-lo a "mera doença", o abugunçamento do nosso sistema endócrino, iludindo assim, por automistificação, o "desconforto do mal"; a confiança na infalibilidade da democracia, do voto universal ("o voto do general é igual ao voto da lavadeira") e na total e indiscutível confiança nas ciências "exatas", na geometria do homem, na matemática do homem a ser simplesmente comprimido em formas geométricas. Em suma: a satisfação aumentada do homem consigo próprio.

Nos círculos que se aperceberam da relação entre a "hibris" e o aviltamento

do homem, Satã (demos-lhe o nome) abandonou o incógnito da civilização "apóstata" (do ponto-de-vista cristão), abandonou o incógnito da época burguesa. Já não precisa dele: a autonomia glorificante e glorificada do homem-animal atingiu aqui o absurdo, são a "senhor do mundo" e a irrupção com o inevitável resultado da sua ascendas forças irracionais soltas do cárcere. Não há, a bem dizer, mais nada a romper e destruir. Satã deu conta do recado. E para aumentar seu prestígio, consolidando-o, Satã deflagram a propaganda pelo medo, pela intimidação, pelo acovardamento, pela opressão, a sujeição, o terror.

Quando na Revolução Francesa o Diabo deparou, assustado, "o ternário sagrado" de autoria de Saint-Martin, um português judeu, cristão-novo, "de raça oriental e de origem insólita, mas tornado cristão à laia como assim se formavam os gnósticos dos primeiros séculos", Saint-Martin, um abade católico, Satã, mais o seu primo, o Diabo em conclusão com o Demônio, o cunhado, mette pressurosamente sua colher no novo trinômio (que com o "Pai, Filho e Espírito Santo" ele já acabava), inspirou Comte, o Augusto, meu xará, que, então iluminado, deu à luz à trinomia dos 3 Estados dentro das regras ditadas pelo clã já então congraçado no Demonismo, uma ciência.

O domínio satânico foi total: social, político, econômico, educacional, religioso. Nada lhe escapou.

Ocultou aos olhos dos amedrontados, acovardados, o símbolo do crucifixo, substituindo-o pelo fascinante Cifão: S! E como este simples símbolo em substituição ao crucifixo alcançou, de vez, as sujeição social, política, educacional e econômica do humanoide.

A atuação de Satã foi completa: na li-

teratura, no cinema, no rádio, na televisão, apossou-se de todos em meios de comunicação para manter a sujeição também dos que ainda se juravam cristão com água bente e ramo de aruda de resguardo. A época dos exorcismos, ex-corgitou.

Giovani Papini, na literatura italiana, de repercussão universal, também não resistiu à tentação. Escreveu "O Diabo", onde procura renovar a profecia gnóstica "da redenção de Satã" e sua "reconciliação com Deus" no fim dos séculos, reduzindo deste modo a maldição e a maldade de Satã que assim se nos apresenta como "um desgraçado digno de comiserção". Paul Valéry vai ainda mais longe: dá o passo decisivo para a total inversão da verdade em "L'Ebauche d'un Serpent". Trata-se de uma apologia de Satã: a própria criação é como que um "pecado original", uma culpa da Divindade, e o Diabo a materialização dessa culpa; há que regressar portanto "à pureza do não-ser", "à la pureté du non être". Assim se transforma Satã em vítima de Deus, o que corresponde precisamente à sua renitente auto-interpretção. Nada há a esperar, também, de certas manifestações "existencialistas" da ação do Mal, como a "Asmodée" de Mauriac.

Na televisão brasileira, para descermos ao nível de infra-estrutura subdesenvolvida nacional. Satã reina impávido. Implantou o regime da mediocracia, com assustadores reflexos educacionais, morais, éticos, sociais, políticos e econômicos. Começou com o evilecimento pela crueldade, importada dos "Stats". E hoje rí, sedutor, em plena fase do triunfo do desespero através de seu humanismo luciferico.

Em resumo: o evangelho do Nada.

## Concursos Literários

### ARTEMIO ZANON

A Edição 1977 do "Prêmio Fernando Chinaglia", para livros inédito de Poesia teve o concurso de 377 originais. Tres eram as principais premiações e seriam a critério da Comissário Julgadora composta por Octávio de Faria, Fagundes de Menezes e Maria Lúcia Amaral, todos também da U.B.E. — União Brasileira de Escritores, atribuídas Menções Honrosas, cabendo ao nosso colaborador ARTEMIO ZANON Menção Honrosa, por unanimidade, pelo inédito "TEMPO DE EXECUÇÃO".

### FLAVIO JOSÉ CARDOSO

Entre outras solenidades a Remington comemorou os

seus 70 anos instituindo Prêmios Literários para escritores em verso e prosa (e muitos são os que usam máquinas de escrever Remington para mais rapidamente concretizar as criações que fogem...).

FLAVIO JOSÉ CARDOSO, o consagrado autor de "SINGRADURA", já em reedição, foi aquinhoado com o 3º lugar (tutuzinho bom, Flávio) no gênero contos com "Zêlica e Outros". Julgara mo Flávio: J. J. Veiga, Hélio Pólvora e Flávio Moreira da Costa.

OBS. nomes conhecidos para entre os demais agraciados tanto em verso como em prosa em ambos os certames literários.



**COM SUA PERMISSÃO**

**CLICHEPAR**

Rua Alwin Schrader, 100 (Saída p/ BR 101)

**Fotolitos, Clichês,  
Desenhos e Composições**

Fone (0473) 22-2894  
Blumenau - SC

# LIVROS RECOMENDADOS

## "A GRANDE PIRÂMIDE REVELA SEU SEGREDO"

6ª edição

— "BEST-SELLER" da II Bial Internacional do Livro —  
O ORDEM DO GRAAL NA TERRA está lançando a  
6ª edição de "A GRANDE PIRÂMIDE REVELA SEU SE-  
GREDO", de Roselis von Sass.

Milênios passaram-se desde a construção da Grande Pirâmide do Egito. No entanto, a ninguém ela deixa de causar assombro, não só por suas dimensões e por sua construção perfeita, como também, muito particularmente, por tudo o que ela encerra em sua estrutura.

Ha mais de cem anos cientistas e estudiosos do assunto vêm se aprofundando no enigma que a Grande Pirâmide encerra. Laboriosamente medem, examinam e conjecturam — e, de todo esse estudar e pesquisar, porém, chegaram à conclusão de que a Grande Pirâmide é uma construção perfeita que encerra um duplo sentido: astronômico e profético. De suas medidas são calculados valores astronômicos e matemáticos de suma importância, tais como: a distância Terra-Sol, o valor de Pi (3,1416), a densidade e o peso da Terra e outros, além de se situar numa posição geográfica extraordinária, pois um meridiano que passe pelo centro da pirâmide divide mares e continentes em duas metades exatamente iguais.

Os enormes blocos de pedra, tão perfeitamente coadunados, que não permitem nem a introdução da ponta de uma faca em suas junções, ainda hoje desafiam a arquitetura moderna. O que falar então da construção das câmaras e corredores internos, numa época em que havia uma ausência total de instrumental adequado? Obra de tal porte somente poderia ter sido construída usando métodos muito "especiais", tendo também um "especial" objetivo!

O aspecto mais fascinante, no entanto, é aquele que se refere ao sentido profético da obra. A complicada estrutura interna da Grande Pirâmide, com seus corredores e câmaras que se elevam e se abaixam, se estreitam e se alargam, expressa os acontecimentos mais importantes da humanidade, desde a sua construção até o ano 2.000.

A 1ª edição desta obra, lançada em 1972, foi destinada à construção da Biblioteca Municipal de Embu.

Preço: Cr\$ 80,00 Encardinado, gravação a ouro  
323 páginas

### ORDEM DO GRAAL NA TERRA

### TREMOR DE TERRA Luiz Vilela

Coleção de Autores Brasileiros 128 páginas — Cr\$ 37,00

A Editora Ática não se enganou quando resolveu reeditar TREMOR DE TERRA, de Luiz Vilela. Na ocasião do seu lançamento, a Editora anunciava: "A reedição de TREMOR DE TERRA na Coleção de Autores Brasileiros, da Ática, é consequência da importância que Luiz Vilela já conquistou na nossa ficção". Isso, em fins de julho último.

Agora, passados 52 dias, a Editora comunica o esgotamento da edição e o conseqüente lançamento da 5ª edição.

A receptividade de TREMOR DE TERRA junto aos leitores fez esgotar uma edição em tão poucos dias — o que veio confirmar o valor literário de Luiz Vilela, já reconhecido e proclamado pela crítica.

EDITORA ÁTICA S.A. — Caixa Postal 8656

### O SILVO DA GUILHOTINA de RICHARD CONDON

Richard Condon está entre os mais populares romancistas norte-americanos da atualidade, sendo o romance policial de fundo político seu gênero preferido. Utiliza a política como pano de fundo para tramas muito bem urdidas, buscando nos agitados bastidores da democracia norte-americana os focos de intriga que lhe permitem criar romances eletrizantes, de ininterrupta e muito bem concatenada ação. Estas qualidades ele as leva ao máximo em O SILVO DA GUILHOTINA.

A corrupção dos sistemas sócio-políticos atuais é um dos elementos básicos para a consecução dos planos de Agatha Tuel, uma advogada negra, rica, muito inteligente, que idealiza e dirige o mais fantástico plano terrorista jamais imaginado: A Revolução Firal da América. Método: guerrilha urbana. Obtenção de fundos: heroína, das plantações de papoulas as veias dos jovens americanos, com o "auxílio" da CIA, da China, do Haiti, da Mafia e do "black power". A partir desses elementos, o autor dos brinda com uma novela tão real e chocante que nos fascina e aterroriza, pela plausibilidade dessa trama eletrizante e fantástica.

288 pgs — Cr\$ 100,00

EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA  
Rua Muniz Barreto, 91 - RJ.

### OS CAES LADRAM... de Truman Capote

Novelista, contista, dramaturgo, roteirista de filmes, membro do Instituto Nacional de Letras e Artes dos EUA, Truman Capote é uma das mais destacadas personalidades da vida cultural — e mudana — dos Estados Unidos. Autor de grandes êxitos, como A SANGUE FRIO, ele nos oferece em OS CAES LADRAM... as descrições ricas e imaginosas de coisas, pessoas e lugares de vários continentes. Com ele passeamos por New York, Hollywood, Itália, Espanha, Grécia, URSS e pela misteriosa Tânger. Somos apresentados a Marlon Brando, Jean Cocteau, Ezra Pound, Marilyn Monroe, Louis Armstrong, André Gide e a um corvo chamado Lola. E nos deliciamos com vários ensaios de um autor justamente considerado um brilhante estilista. Este livro é boa literatura e passatempo divertido.

345 pgs. — Cr\$ 120,00

EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA  
Rua Muniz Barreto, 91 - RJ.

### A AMANTE DO PRESIDENTE DE PATRICK ANDERSON

No centro deste romance fascinante e convincente, sobre o mundo da política norte-americana está uma mulher jovem e bela que é encontrada morta. Seu assassinato desencadeia violenta reação em diversos círculos de Washington, oficiais ou não, onde se tinha conhecimento de que ela era a amante do Presidente dos Estados Unidos.

Patrick Anderson — o autor desta apaixonante obra — é um dos escritores norte-americanos de maior sucesso no momento; este seu livro é um autêntico BEST-SELLER nos EUA.

300 pgs. — Cr\$ 120,00

EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA  
Rua Muniz Barreto, 91 - RJ.



# Flamingo

CAMA — MESA — BANHO — MALHAS — CRISTAIS

BLUMENAU

ITAPEMA

FLORIANÓPOLIS

Em continuação, e como conclusão, achamos oportuno tecer mais algumas considerações em torno do assunto que nos propuzemos abordar neste mensário, assunto este esclarecido pelo título acima.

Antes de tudo desejamos, em nossas considerações anteriores, fazer sentir, com ênfase, de que o ensino e o aprendizado da Química EXIGE atividades de ordem prática — tanto por parte do professor, quanto dos estudantes. Essas atividades não precisam (e não podem) ser sofisticadas, pois para tanto, infelizmente, neste País não dispomos de meios materiais. Ainda temos de nos contentar com atividades práticas que em nada podem ser consideradas "modernas", mas, desde que algo é feito, isto já é muito melhor do que NADA! Em termos de números, pelo menos 40 por cento devem ser de ordem prática. Já torna-se válido exemplificar: amostras das chamadas substâncias "simples" devem estar presentes, para, pelo menos "mostrar": como sódio (potássio não é necessário, pois se assemelha muito com este seu companheiro "alcalino"), o cobre (em fios e chapinhas), a prata (moeda), o magnésio (em pó, mas preferivelmente em fita), o zinco (chapa), o mercúrio, o alumínio, o carbono (pedaços de carvão de lenha e mineral), o estanho (em varetas), o chumbo (servem muito bem pedaços de cano), o fósforo (vermelho; desaconselhamos o branco, devido à sua toxicidade), o antimônio, o enxofre (em pó e em pedras), o cromo, o ferro e o níquel.

Os leitores destas linhas não considerem a nossa insistência na necessidade dos trabalhos práticos para o ensino e o aprendizado da Química como obstinação, eventualmente "idéia fixa". Sob forma alguma, enquanto lecionávamos esta ciência esquivávamos da apresentação dos conceitos teóricos, de todo necessários, de toda ordem e em todos os sentidos. Apenas queremos frisar, com insistência e veemência, ser indispensável que a teoria deve vir, sempre que necessário e possível, en-

tremada por demonstrações práticas, por parte do professor e, também, pelos estudantes. Tal procedimento dá às aulas um "colorido" atraente e altamente motivador!

Com isto os resultados do ensino de Química realmente serão positivos.

Nunca aceitamos as chamadas "aulas de laboratório", com dias marcados, quando o professor e os alunos — geralmente com problemas de manutenção de disciplina — se dirigem ao "laboratório" (sic) para fazer "experiências". Contando a escola com o mínimo de Salas de Química, como apontamos em artigo anterior, TODAS as aulas de Química aí devem ser desenvolvidas, pois isto traz a indispensável ambientação dos alunos, com a maior naturalidade. Também é interessante (mas não absolutamente necessário) que o professor e todos os seus alunos, quando em "aula de Química", estejam vestidos de guarda-pó, o qual dá, assim sempre observamos, ainda melhor ambientação.

Existindo, numa escola, um conjunto de salas de Química, assim como professor (es) dotados de imaginação (fator dos mais importantes) mil e um ensaio, simples em sua esmagadora maioria, podem ser realizados. Estes, seja dito, inclusive contribuirão acentuadamente para aumentar o conceito do estabelecimento. MUITÍSSIMO importante — dizemo-lo com particular ênfase — é a MANUTENÇÃO dessas salas e dos materiais aí existentes. Vale a pena que a escola tenha um funcionário, habilitado, incumbido da CONTÍNUA limpeza de tudo, "desde o chão ao teto". O resultado alcançado vale o investimento! Inúmeras vezes temos visto "salas" de Química, instaladas com verdadeiras "pompas" que, após breve tempo de utilização, estavam reduzidas a legítimas ruínas... E torna-se incontornável dizer: "TER não é NADA... MANTER é o grande PROBLEMA"!

Acima falamos em "... mil e um ensaios, SIMPLES em sua maioria...". Para alicerçar esta afirmativa, achamos oportuno mencionar um exemplo:

Numerosos sais inorgânicos apresentam, com a sua molécula, o que se chama de "água de cristalização", numa quantidade variável de composto para composto. Assim, o sulfato de cobre —  $\text{CuSO}_4$  — possui 5 vezes  $\text{H}_2\text{O}$  e é azul, cristalizado. Como demonstrar a existência dessas cinco moléculas de água? Isto é feito da seguinte forma: num geral reduz-se uma razoável quantidade de  $\text{CuSO}_4 \cdot 5\text{H}_2\text{O}$  a pó; depois coloca-se num tubo de ensaio PERFEITAMENTE SECO. Os alunos observavam que não há o mínimo vestígio de água (nem mesmo umidade) no tubo. Mantendo o tubo numa posição oblíqua (ângulo de uns trinta graus) e de boca para baixo, coloca-se numa chama (bico de Bunsen). Após aquecimento de pouca duração, quando deve ser evitada a agitação do tubo (segurar com pinça de madeira!), já aparecem gotas de água na boca do tubo e de AZUL cristalizado o sal passa a BRANCO, pó. Conclusão: o calor liberou as cinco moléculas de água de cristalização, o que não pode, por razões técnicas, ser demonstrado quantitativamente. Mas o ensaio, executado com habilidade e elegância, é muito válido e eficiente.

Sempre entendemos que as chamadas "reações de reconhecimento" ou "características analíticas", tanto inorgânicas como orgânicas, oferecem inúmeras oportunidades para fazer com que os estudantes passem a conceber a Química o que ela realmente é, quer dizer, uma ciência PRÁTICA por excelência. Para a maioria delas, aliás, os meios necessários nem são fora de alcance, isto é, de custo alto, fator em geral ponderado.

Falando em custo, como muitas vezes verificamos, pessoas de boa vontade até gostam de ajudar, cedendo, por exemplo "carbureto" (carbureto de cálcio) — isto das oficinas de solda; ou sulfato de níquel — das oficinas de galvanização. Evidentemente que se trata de casos especiais. Fundamentalmente é necessário que as salas de Química sejam equipadas com recursos de estabelecimento.

Não poderíamos deixar de apontar também a absoluta necessidade que há em zelar com toda rigidez, pela disciplina nas salas de Química, por razões de segurança! Todos os ambientes precisam ser bem ventilados (a existência de uma "capela" sempre consideramos desnecessária, pois as quantidades de gases e vapores são — e devem ser — mínimas). Com tudo é preciso trabalhar com cuidados especiais: ácidos, corrosivos, inflamáveis, tóxicos, etc. Especial atenção deve ser sempre dada ao ácido sulfúrico concentrado que, em especial, pode causar sérios danos físicos a quem for por ele atingido! O professor, da perspectiva da segurança, sempre TEM QUE SER ponderado, emocionalmente falando, e saber trabalhar com firmeza absoluta; há ensaios que somente ele deve fazer e outros que os jovens PODEM fazer.

Dinamizando sempre mais as atividades práticas das aulas de Química, as escolas, como já dissemos, somente podem elevar seu conceito de eficiência frente a comunidade e o professor tem condições para tornar-se O Professor de uma ciência que é das mais encantadoras e brilhantes. Até pode ser dito, com certa veemência, que "A Química Comanda o Mundo". Ainda, é, a nosso ver, de imperiosa necessidade que a Química seja, realmente ensinada e aprendida ao máximo, pois o desenvolvimento do Brasil, na atualidade — e muito mais no porvir — o exige!

Sempre preocupado com a segurança nos trabalhos práticos de Química, não podemos deixar de mencionar: "As Substâncias não são BOAS, nem MAS... elas APENAS EXISTEM"!

Finalizando esta série de escritos sobre o ensino e o aprendizado de Química, apenas nos resta agradecer tenhamos contato com a compreensão dos leitores e que tudo o que foi exposto, aqui ou acolá, encontre eco positivo e promissor!

(Nota: os dois artigos anteriores desta série foram publicados nas edições de maio e julho de "O Acadêmico").

## LIVRARIA ACADEMICA

AGORA MAIS PERTO DE VOCÊ

Rua Antônio da Veiga (Perto da FURB) Em novas e modernas instalações.

Blumenau

VISITE-NOS

Santa Catarina